

INTRODUÇÃO

INQUIRIR O TRABALHO REAL: UMA PERSPECTIVA GLOBAL E INTERDISCIPLINAR*

Pâmela Peres Cabreira | João Carlos Louçã | Maria Augusta Tavares
Maria João Duarte | Raquel Varela | Roberto della Santa

O entrelaçamento de realidades sociais, econômicas, políticas e culturais é cada vez mais presente no mundo social contemporâneo. A reconstituição de várias casualidades a partir de uma perspectiva global é o impulso para este trabalho coletivo, na tentativa de superação dialética do nacionalismo metodológico e do eurocentrismo teórico sobre a história do trabalho, a partir da sua centralidade inequívoca no trajeto da humanidade em si e para si. Com esta obra, a intenção é lançar reflexões críticas – análises e comparações –, em multiplicidades geográficas e realidades históricas diversas. No ano em que o Grupo História Global do Trabalho e dos Conflitos Sociais comemora dez anos de existência, trazer à luz estas questões dá forma e confere sentido à sua gênese e de vir – em modo de balanço e perspectivas – em caminhos e considerações. Também ousamos dialogar com pensamentos menos tradicionais nos estudos do trabalho, tais como a psicodinâmica ou os estudos do materialismo cultural, alargando assim o que um marxista revolucionário já disse ser “as barreiras do possível”.

Em primeiro lugar, pela emergência em atualizar as perspectivas conceituais e categorias fundadas na tradição do materialismo histórico, de forma crítica e reflexiva – entendendo o campo do marxismo enquanto programa de investigação para a produção de conhecimento em Ciências Sociais da maior relevância, algo que foi equivocadamente dado como ultrapassado em muitos rincões do mundo, e parcialmente revisto, após as crises globais de 2007-08 e 2020-21. Enquanto houver exploração do trabalho, dominação do Estado e supremacia do capital – o tripé sócio-metabólico que István Mészáros descreve como uma real ameaça à humanidade, ao ambiente e ao futuro – o materialismo histórico será a “filosofia insuperável de nossa

* Este livro foi escrito e concebido na diversidade da Língua Portuguesa, havendo, portanto, liberdade linguística entre os autores.

época”. Em segundo lugar, reconhecer que a amplitude e extensão total dos processos sócio-históricos não possuem um único “fio condutor”, mas sim uma rede aberta de possibilidades efetivas, que se conectam e se cruzam e, neste sentido, precisamos ultrapassar as barreiras postas à interdisciplinaridade em um sentido cada vez mais candente e pujante de entrelaçamentos e de interconexões.

E, por fim, reunimos aqui uma gama ampla de textos oriundos das Ciências Sociais e dos Estudos Globais do Trabalho que, sob uma visão unificada e simultaneamente diversa, se devem complementar ao invés de se distanciarem. Isto é, aprofundamos as questões “globais” (não “teleológicas”, como alguns a acusam) à indissociabilidade da existência social e da experiência humana comuns. Neste sentido, reinventamos a necessidade do intelectual coletivo nos processos de investigação social e revalorizamos as relações da agência humana que têm estado à margem da história: dos grupos subalternos e das classes trabalhadoras que mantêm a História em constante movimento. Pretendemos reequacionar a narrativa histórica do dito Norte mundial para o todo global – comparada e problematizadora – além de, como é evidente, plena de experiência e vida vivida.

Já em 1949, no marcante trabalho de Marc Bloch, *Apologie de l'histoire* ou *Métier d'historien*, o cofundador da École des Annales aponta que é algo incontornável “[...] o trabalho por equipes. Exige também a definição prévia, por comum acordo, de alguns grandes problemas predominantes. São êxitos de que nos encontramos ainda bastante distantes. Eles determinam, porém, numa larga medida – não duvidemos – o futuro da nossa ciência”.^[1] É por estas trilhas que este livro se apresenta com artigos originais, ensaios teóricos, entrevistas especiais e traduções de textos de referência; do Maio de 68 em França ao romance oitocentista de língua inglesa, desde William Morris às lutas operárias em Portugal até a África insubmissa de Amílcar Cabral e, por fim, ao Brasil em transe e de volta ao mundo, do inquérito e de considerações sobre o sentido real e o conteúdo efetivo do trabalho vivo. Procuramos, atendendo ao apelo às armas do fundamental Howard Zinn – que abre, com brilhantismo e radicalidade, esta coletânea –, diminuir o abismo que “existe entre a produção intelectual acadêmica e as necessidades vitais de um mundo conturbado”, colocando em diálogo crítico diferentes

[1] Bloch, Marc. (2002). *Apologia da História ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 81.

perspectivas, tópicos e até mesmo estilos de redação neste mundo de lusofonia global, em registos que se reconhecem – e dialogam entre si – com entusiasmo, proficuidade e vigor.

Com o capítulo *Maio de 68, trabalho e subjetividade: encontro falhado ou desvio necessário?*, Christopher Dejours – traduzido por Duarte Rolo, membro do Grupo de Estudos Globais do Trabalho – nos apresenta uma visão dialética sobre as consequências de ordem social e política e mesmo da geração que ali se formou, relacionando as questões sindicais, laborais e *proletarianas* a partir da psicopatologia e psicodinâmica do trabalho, disciplina criada pelo mesmo autor. Trata-se de uma avaliação controversa – e fundamental – a partir de um momento histórico fulcral.

João Carlos Louçã, em *Da mina ao digital*, o futuro estéril do capital, coloca-nos face a uma questão indispensável para o trabalho produtivo assalariado: as condições sociais e a mercantilização do trabalho reprodutivo – maioritariamente produzido por mulheres – a partir da sua relevância para uma teoria crítica da sociabilidade do sistema metabólico-social tipicamente capitalista. Trata-se de uma questão candente do tempo presente, agravada, dramaticamente, a partir desta nova crise total.

Roberto della Santa traz-nos uma envolvente fertilização recíproca entre crítica literária e Ciências Sociais – na melhor tradição dialética –, a partir dos contributos de William Morris em uma concepção de mundo socialista e revolucionária, desde a sua escrita viva e assente na tradição radical do romantismo inglês. Em *“Para produzir coisas belas”* (qual futuro e qual trabalho?), a centralidade do trabalho vivo é oferecida a partir de um olhar tanto ético quanto estético sobre o fim da “pré-história da humanidade” para se sentir e pensar um romance utópico e em tudo radical.

Patrícia Villen, em *A teoria de Amílcar Cabral como antídoto ao “eclipse das utopias”* traz-nos uma “arma da crítica” em um importante resgate da cultura política e revolucionária que nasce em África, contra os regimes coloniais, através dos Movimentos de Libertação Nacional. Para ultrapassar os longos séculos de exploração colonial, foram necessárias teorias e programas de modelos sociais alternativos, traduzidos neste ensaio a partir de um dos mais importantes dirigentes e estratégias marxistas da revolução socialista mundial.

No artigo *História Global da Revolução dos Cravos*, Raquel Varela reflete a propósito da historiografia sobre a ruptura revolucionária a partir do 25 de Abril de 1974. Ao colocar Portugal como o centro da análise dialética em constante relação com locais e acontecimentos deste período, apresenta

uma crítica “ao conceito limitado da classe trabalhadora para interligar a revolução portuguesa, o trabalho na metrópole, o (anti)colonialismo e o trabalho forçado, e o lugar de semiperiferia no campo das relações laborais” globais, reequacionando os limites históricos do sistema do capital e o seu nexu com a práxis revolucionária em situações análogas às “esquinas perigosas da História”, como já as chamou de forma algo poética o historiador luso-brasileiro Valerio Arcary.

Pâmela Cabreira e Nicoli Macedo contribuem, nesta coletânea, com um capítulo dedicado à condição da mulher trabalhadora em Portugal, percorrendo diferentes momentos históricos do século XX associados à relação laboral que se traduz no escopo do trabalho feminino. Procuram afirmar que “as mulheres sempre trabalharam”, colocando em perspectiva o trabalho doméstico e o trabalho produtivo formal. *História das mulheres trabalhadoras em Portugal* é uma abertura para que as temáticas de classe e gênero se afirmem como categorias analíticas válidas e efetivas para a historiografia local e global.

Atravessando o Atlântico, Suely Carvacho oferece-nos uma análise do escritor Graciliano Ramos, no seu sólido capítulo *Avaliação Social em São Bernardo de Graciliano Ramos*. A autora sugere cânones de interpretação do Círculo de Bakhtin/Voloshinov para a compreensão e contextualização da obra, entre fatores externos e internos – do campo social e do trabalho –, convertidos na formação social brasileira à forma social literária, a partir de vasta tradição de reflexão e crítica social.

Dos desafios sociais globais para um novo modo de vida – entrevista transoceânica a um sociólogo do trabalho mundial, é um capítulo dedicado à entrevista realizada ao cientista social Ricardo Antunes, por Maria Augusta Tavares, Murillo van der Laan e Roberto della Santa, na verdade, uma descontraída e riquíssima conversa sobre os caminhos deste autor pelos *Mundos do Trabalho*, de experiências aprofundadas em diversas situações, bem como sua articulação constante com pensadores cruciais. Com esta entrevista refletimos juntos sobre aquilo que seriam “as questões vitais dos nossos tempos” – ao mesmo tempo em que damos a saber sua vida e obra.

Por fim, publicamos uma entrevista a Karl Heinrich Marx, publicada originalmente pelo jornal norte americano *Chicago Tribune*, em 1878, texto ainda não publicado em Portugal, o qual nos remete, brevemente, para alguns dos princípios do *fundador do socialismo moderno*. Desta forma inscrevemos na comemoração do 10º aniversário do Grupo História Global do Trabalho e dos Conflitos Sociais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade

NOVA de Lisboa, a mais decisiva e duradoura das marcas do seu nascimento e uma constante na sua evolução ulterior: a dialética marxista como questão de método, *perspectiva de totalidade*.

Quando Bertolt Brecht afirmou que “os que lavam as mãos, fazem-no numa bacia de sangue”, não estava carente de razão, posto que o sistema de controle sociometabólico capitalista e suas múltiplas catapultas exigem-nos diariamente renovada reflexão face a posições que precisam ser demarcadas, compreendidas, reavaliadas. Os ritmos e influxos da luta de classes, em roupagens velhas ou renovadas, continuam marcando o nosso tempo. Esperamos, com este livro, trazer ar fresco não só para as estruturas académicas onde participamos, mas também para os problemas candentes que desafiam as sociedades humanas –, de uma forma total e “globalizante”.

Estes dez anos – de 2011 a 2021 – não deixam de ser a prova cabal de que vivemos uma época histórica que nos exige olhar crítico e reflexivo sobre a história global do trabalho e dos conflitos sociais, um tempo de guerras e de crises cuja resolução passa, necessariamente, pela radical transformação política e social do futuro do trabalho, que daí o torne desmercantilizado, criativo e, por isso mesmo, humano.

Lisboa, 2021